

# DIÁLOGOS ABERTOS SOBRE A (IN)DISCIPLINA NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA<sup>1</sup>

Adriana Rocha Vilela Arantes<sup>2</sup>

## RESUMO

Há 40 anos este problema praticamente não existia. As escolas do passado seguiam um sistema tradicional, exigindo dos alunos um comportamento quase militar. Quando ocorriam atitudes de indisciplina, os castigos, muitos deles físicos, eram aplicados. Atualmente uma das queixas frequentes que os professores apresentam quando são questionados acerca de suas práticas diz respeito às dificuldades que apresentam para lidar com as expressões de indisciplina escolar dos alunos, ou seja, é possível observar, através da fala das professoras, que elas atribuem à indisciplina escolar uma grande parte de suas dificuldades enquanto profissionais. Nesse sentido esse trabalho procurou compreender os diálogos abertos sobre (in) disciplina na sala de aula das Escolas Municipais de Anápolis, Goiás, nas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, na visão de gestores, professores e alunos. Tem como fundamentação teórica Aquino (1996), Estrela (1994), Freire (1996), Garcia (1999), (2002) Konder (1981), Saviani (2005), Vasconcellos (1993), (2001), (2009) e outros. Será apresentado à concepção de (in) disciplina sob diferentes olhares, com diversas conceituações encontradas na literatura específica. Em seguida apresentar-se-á uma visão geral da (in) disciplina no contexto escolar, com um olhar sobre o cotidiano escolar da sala de aula fazendo reflexões por meio da pesquisa realizada nas escolas e por fim será abordado o contexto familiar e a indisciplina e seus reflexos na escola. Para finalizar, ressalta-se a importância de se considerar os diversos aspectos que envolvem a indisciplina escolar para não abordar o tema de forma reducionista ou inconsistente. Foi realizada uma pesquisa de campo numa perspectiva qualitativa em seis Escolas Municipais do Ensino Fundamental de Anápolis, do 1º ao 5º ano, pelas alunas do 2º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – UnUCSHE, campus Jundiá, como parte das atividades da disciplina AEA: Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na sala de aula, utilizando entrevista semiestruturada com as diretoras, coordenadoras pedagógicas, professoras e alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A análise desse trabalho será realizada a partir de uma visão dialética.

**Palavras Chaves:** Indisciplina; Disciplina; Escola; Diálogos abertos.

## INTRODUÇÃO

Serão abordados nesse trabalho alguns diálogos abertos sobre a (in) disciplina em sala de aula, da educação básica verificando *in loco* a visão de professores, gestores e alunos sobre o tema abordado.

A (in) disciplina tem ocupado um espaço cada vez maior na escola, no entanto, esse é um aspecto delicado de mexer, entre outras coisas, com a

---

<sup>1</sup> Esse artigo foi extraído da pesquisa “Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula: uma análise da realidade”, publicada na Revista on line De Magistro de Filosofia, da Faculdade Católica de Anápolis, Ano 2014, nº 13.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela PUC-GO. Professora da Universidade Estadual de Goiás no curso de Pedagogia, Anápolis. Diretora Geral da Faculdade Católica de Anápolis.

autoimagem do professor, pois, a indisciplina é associada com frequência, ao fracasso profissional.

Nesse sentido esse trabalho procurou compreender os diálogos abertos sobre (in) disciplina na sala de aula das Escolas Municipais de Anápolis, Goiás, nas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, na visão de gestores, professores e alunos.

A análise desse trabalho será realizada a partir de uma visão dialética, assumida por Konder (1981), como o modo de compreendermos o movimento do real, a dinâmica interna dos elementos que são negados pelo seu contrário e que, por sua vez, é negado e superado por novos elementos, em uma sequência de afirmação e superação.

Nos últimos anos, a problemática da indisciplina tem representado uma preocupação cada vez mais generalizada no quadro dos diferentes sistemas educativos.

Apesar de a indisciplina escolar atravessar a história da educação, ela tem adquirido maior visibilidade social de algumas décadas para cá. Deve-se considerar o processo de massificação do ensino e o aumento da concentração de alunos em espaços muitas vezes inapropriados ao fazer pedagógico nas escolas.

A metodologia desse trabalho foi de caráter qualitativo na perspectiva de Lüdke e André (1986), na qual a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com as diretoras, coordenadoras pedagógicas, professoras e alunos do 1º ao 5º ano. Segundo Triviños (1987) dela se atingem resultados verdadeiramente valiosos quando também o pesquisador tem amplo domínio do enfoque em estudo e da teoria que orienta seus passos. A entrevista semiestruturada valoriza a presença do entrevistador, propicia determinada liberdade e espontaneidade ao entrevistado, enriquecendo a entrevista.

Serão analisadas as entrevistas realizadas pelos alunos do 2º ano curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ciências Sócio Econômicas e Humanas - campus Jundiá com as diretoras, coordenadoras pedagógicas, professoras e alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental das Escolas Municipais de Anápolis, Goiás,

A turma de 30 alunos pesquisadores foi dividida em seis grupos, cada grupo indo para uma escola municipal diferente, sendo que a maioria dessas instituições já é campo de estágio para os acadêmicos de Pedagogia. Cada equipe dividiu-se em

entrevistar a diretora da unidade escolar, a coordenadora pedagógica, as professoras e alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Foram ouvidas seis diretoras e coordenadoras pedagógicas das Escolas Municipais de Anápolis. As professoras têm como formação inicial o curso de Pedagogia e pós-graduação *Lato-Sensu*, já percorreram um caminho no processo educacional, sendo profissionais com experiência de, no mínimo, cinco anos.

### **1.1 Conceção de (in) disciplina: diferentes olhares**

De acordo com Vasconcellos (2009) a visão psicológica coletiva que marca a disciplina está relacionada aos grandes exemplos na história da submissão à ordem do ambiente, que vem da ordem de alguém: os escravos, os exércitos, os servos, os operários (os alunos). Trata-se de perspectiva na qual a disciplina é a resposta positiva, do indivíduo ou do conjunto, à vontade do outro.

Partindo do senso comum na visão do professor a palavra disciplina está relacionada à concepção de bom aluno, bem comportado, dócil, cumpridor dos deveres. E uma aula classificada como disciplinada, encontramos um aluno enquadrado, quieto, passivo, apenas ouvindo.

Trata-se de uma questão de abordagem. Serão discutidas as várias concepções da palavra disciplina, de origem latina e tendo a mesma raiz que discípulo, o termo disciplina é marcado pela sua polissemia.

De acordo com Estrela (1994), o termo disciplina, além de designar um ramo do conhecimento ou matéria de estudo, tem assumido ao longo do tempo diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra.

A autora afirma ainda que o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas.

Para Vasconcellos (2009), o vocábulo disciplina deriva do latim (*discapare*, captar claramente; *disceptare*, discutir alguma coisa; *discipulus*, aluno; disciplina, ensino, doutrina, ciência), usado normalmente para se referir a um domínio limitado do saber e sua representação didática.

De acordo com esse professor (1993), o conceito de disciplina, para a maioria dos educadores, é entendido como adequação do comportamento do aluno àquilo que o

professor deseja. Só é considerado disciplinado o aluno que se comporta como o professor estabelece. O aluno indisciplinado é aquele caracterizado como desobediente.

O autor coloca que o conceito de disciplina é associado à obediência, está muito presente no cotidiano escolar, suas causas podem ser encontradas em cinco grandes níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno.

Já o vocábulo Indisciplina significa procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência, desordem, rebelião. (Dicionário Aurélio).

É importante observar que estes níveis devem se apontados como orientação para investigação, para não perder de vista os diferentes fatores de interferência, não devem ser colocados em grau de importância ou de determinação de cada um desses níveis, pois o problema encontra-se na atual organização da sociedade, base de todas as outras indisciplinas.

A indisciplina escolar não tem mantido as mesmas características ao longo dos anos, ou seja, ela não pode ser considerada como um fenômeno estático, uma vez que se diferencia daquela observada em décadas anteriores (GARCIA, 1999).

Para Parrat-Dayana (2008, p. 16). “A indisciplina é um problema sério, ela não tem forma e segue diferentes caminhos: falar, jogar papezinhos, não estudar, não escutar etc”.

Aquino (1996, p. 43) afirma que em uma “suposta educação de antigamente” as relações escolares eram permeadas por medo, coação e até mesmo uma subserviência, o que demonstra que essas relações eram determinadas em termos de obediência e subordinação.

O autor afirma ainda que o conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade.

Segundo Saviani (2005, p. 118), até mesmo a forma com que eram organizadas as carteiras em sala de aula, tinha a ver com esse autoritarismo onde o poder é centralizado no professor. “São fixas e voltadas para um determinado ponto onde se encontra o professor (...) por isso é uma sala silenciosa, de paredes opacas”.

Vasconcelos (2001) complementa esta questão ao afirmar que atualmente, ao contrário do que acontecia no passado, o aluno passou a ser o centro do processo de aprendizagem, no qual seu desenvolvimento social e sua formação passaram a ser

prioridades do cotidiano educacional. Com isso, houve mudanças na relação professor-aluno e na própria visão da escola.

Apesar do tempo que se perde em sala de aula com a indisciplina escolar e do quanto isso tem perturbado os educadores no sentido do desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, pela perda do sentido da eficácia e a diminuição da auto-estima pessoal que leva a sentimentos de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão, os professores muitas vezes têm adotado uma posição de conformismo e comodismo que pode ser observada quando afirmam que o problema da indisciplina sempre existiu e sempre vai existir (ESTRELA, 1994; VASCONCELLOS, 2009).

Nos últimos tempos a indisciplina escolar vem inquietando educadores de todo o país, tornando-se um grande desafio permeado de muitas complexidades, a falta de limites, desrespeito aos direitos dos outros além da incompreensão das regras de convivência e atitudes.

Além disso, as próprias políticas e formas de gestão da Educação no Brasil estão atravessando uma época de grande transição (GARCIA, 2002). Essa questão se torna explícita quando, entre os artigos que compõem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB nº 9.394/96, encontra-se o que prevê que a Educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando e o seu preparo para o exercício da cidadania (Art. 2º).

Entre os princípios propostos pela LDB, encontram-se a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, além do respeito à liberdade e apreço à tolerância. Dessa forma fica clara a necessidade de as escolas estarem preparadas para formarem alunos de acordo com as exigências da legislação e das diretrizes vigentes neste País.

## **1.2 A (in)disciplina no contexto escolar: um olhar sobre o cotidiano da sala de aula**

Para Vasconcellos (2009) o limite é necessário na formação do sujeito. O educador não deve sentir-se culpado por fazer uso dele. Análogo ao medo que o pai tem de perder o amor do filho é o temor do professor de perder o afeto do aluno. Mas se entrar neste jogo de não estabelecer limites para não perder o afeto, aí é que perderá

mesmo, pois deixará de ser uma referência para o aluno. As crianças assim como os jovens e adultos precisam de limites.

De acordo com Freire (1996) a autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. Empenha-se em desafiá-la sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.

Se recusa, de um lado, silenciar a liberdade dos educandos, rejeita, de outro, a sua supressão do processo de construção da boa disciplina.

O par dos limites são as possibilidades. As possibilidades são importantes para abrirem novas alternativas e superarem a disciplina da mera repressão, do não, não e não.

Mas, que tipo de limite está sendo apresentado. Esse estudo vai apresentar as possibilidades da relação pedagógica entre disciplina e a indisciplina na sala de aula sob o olhar dos alunos, professores e gestores.

Foram entrevistadas 60 crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental das escolas Municipais de Anápolis. Essas crianças representam 10% do total de crianças desse turno.

Para melhor identificarmos as respostas das crianças entrevistadas classificamos as crianças como C 1-crianças do 1º ano, C 2-Crianças do 2º Ano, C 3- Crianças do 3º ano e C 4- crianças do 4º ano, C 5 - Crianças do 5º ano.

Ao serem questionadas sobre a importância da escola na sua vida as crianças responderam que é muito importante, com exceção de uma criança do 1º ano que a considera pouco importante.

“O silêncio nas aulas é absoluto e, fora delas, contido. Os movimentos corporais por sua vez, são completamente esquadrihados: sentados em sala, e em fila fora dela” (AQUINO, 1996, p. 43).

Quando perguntamos quais são os tipos de aula que mais a motivam, as crianças C1, C3 e C5, indicaram as aulas em que realizam trabalhos em grupo, as crianças C2, consideram mais motivadoras as aulas interativas e, por fim, as crianças C4 sentem-se mais motivadas com a utilização de recursos multimídias.

Na opinião de Arroyo (2004) os alunos já não são os mesmos, porque não encontramos nas escolas aqueles sujeitos que idealizamos em nossos cursos de formação: ingênuos, doces e bondosos. Para esse autor, como alimentamos essa imagem de aluno ideal torna-se inadmissível uma sala de aula que não seja composta por sujeitos ordeiros e passivos. Tudo vem piorando a condição da infância e adolescência e também as condições de trabalho dos docentes.

Vasconcellos (1993) diz que se deve exigir de um professor que seja humano nas relações e competente no saber e não um disciplinador, exigir um ensino significativo e participativo, aulas bem preparadas.

O professor deve desenvolver o senso de responsabilidade coletiva pela aprendizagem, assumir a responsabilidade coletiva pela disciplina em sala de aula, participar ativamente das aulas.

Ao serem perguntados como é o ambiente da sala de aula. A maioria das crianças classificaram o ambiente na sala de aula como Disciplinado, porém as demais crianças classificaram seu ambiente como Indisciplinado.

Ainda na visão de Vasconcellos (1993), normalmente o professor se preocupa em demasia com as exigências relativamente ao aluno: a disciplina, mas esquece de se preocupar com a contrapartida necessária: um ensino significativo, participativo. Com o tipo de curso que propõe /impõe - desvinculado da realidade, passivo – o professor acaba sendo um dos mais sérios fatores indisciplinadores. Muitas vezes, as crianças não conseguem verbalizar o que estão sentindo, mas sinalizam com seu corpo, com seu comportamento. O fato de quererem ir toda hora ao banheiro deve significar algo para o professor.

O professor deve preocupar-se com esses comportamentos em sala de aula, demonstrar mais afetividade a esses problemas, buscar metodologias diferenciadas que atendam as necessidades dos alunos.

Foram pesquisadas 30 professoras, de seis escolas municipais que atuam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

No discurso das professoras, uma das coisas que se destacou, para além do conteúdo semântico, é o conteúdo emocional, a carga afetiva que acompanha suas manifestações.

Indagadas sobre os fatores que estão por detrás da indisciplina, responderam: “necessidade de se sentir superior em relação aos outros; falta de atenção e afeto por parte dos pais; aulas monótonas”.

Para Estrela (1994) é claro que tudo isto tem a ver com a (in) disciplina em sala de aula, o que demanda a atuação dos educadores de maneira organizada e articulada em todas as frentes. Mais isto, de forma alguma, deve servir de alibi para que o educador não assuma sua responsabilidade em sala de aula. Simultaneamente pode-se e deve-se trabalhar com os pais, com formação mais geral do aluno, com as contradições da escola, com a influência da sociedade etc, mas não se pode esquivar de um dos focos principais da luta que é a sala de aula. O professor tem que ser sujeito da história pedagógica de sua classe e de sua escola, não pode ficar sonhando com alunos ideais, com alunos diferentes.

Um dos aspectos mais discutidos hoje na escola são as consequências da disciplina: as professoras afirmaram decréscimo na produtividade da turma e todos concordaram que isso dificulta a própria aprendizagem do aluno disciplinado.

De acordo com Vasconcellos (2009), o professor deve ter clareza de seu papel, ter firmeza quanto à sua postura em relação à disciplina. Como foi visto, um dos pontos de estrangulamento para a construção da disciplina são as duas posturas extremas: de um lado, o professor que superestima seu papel (convicto demais, dogmático, fechado), às vezes até por defesa, por não ter realmente clareza de qual o seu papel, por outro, o professor que subestima seu papel (inseguro, desorientado, não convicto, culpado, frouxo, mole).

Sobre as formas de prevenir a indisciplina, algumas apontaram a importância da necessidade de autoconhecimento por parte do professor; outras, a importância de um bom relacionamento interpessoal; e ainda a necessidade da intervenção por parte dos alunos na tomada de decisões sobre o funcionamento da escola.

Para Estrela (1994), o comportamento distante do professor, a despersonalização da relação originada pelo professor que ignora o nome do aluno, a brandura quando é esperada a força, são algumas situações que suscitam a retaliação do aluno.

Perguntou-se a três professoras o que deveria ser feito para contornar a indisciplina. As responderam foram:

Professora A: Regras devem ser elaboradas com a colaboração da turma. As regras devem ser obedecidas caso o aluno não precisar ser punido. A família deve estar ciente da disciplina do aluno para apoiar a escola. O professor e os alunos devem ter um bom relacionamento.

Professora B: Ter mais apoio familiar, e também apoio da equipe pedagógica com punições para os alunos que não conseguem seguir as regras de um bom convívio com os professores.

Professora C: A escola deve buscar uma parceria com os pais das crianças indisciplinadas visando à solução de problemas.

Refletindo sobre as respostas das professoras percebe-se a necessidade de um bom relacionamento com os alunos, com a família e com a equipe pedagógica da escola. É necessário propiciar um ambiente de boa convivência

Foi possível observar que a sociedade está mudando, o que traz reflexos e desafios para a escola. É muito importante que a escola assuma suas responsabilidades específicas na formação dos alunos e invistam na formação continuada dos professores.

Para Saviani (2005), um dos grandes impasses que se coloca para a escola hoje é sua efetiva função social. Diante da crise de identidade, é fundamental que a comunidade educativa procure recuperar o sentido da escola, do estudo, elaborando e explicando sua proposta educacional (Projeto Educativo). A escola deve cumprir importante papel na construção da autonomia e de valores como a solidariedade e o respeito ao bem comum, o aprendizado do convívio com as diferentes culturas, identidades e singularidades.

As entrevistadas afirmam que os alunos gostam de aprender, têm curiosidade, mas não suportam a imposição do conhecimento, pois isso gera que o espaço escolar não tem sido o centro da criação da divulgação de ideias, tornando-se cansativo, repetitivo e insuportável, desestimulando o aluno, pois eles não suportam a mesmice da sala de aula.

As escolas de modo geral, devem investir em formação ética no convívio entre alunos, professores, e funcionários para vencerem as questões indisciplinadas, que tanto afetam a aprendizagem e a consequente promoção dos alunos.

A escola precisa estar atenta à organização significativa do trabalho pedagógico. E, para que essas experiências sejam bem sucedidas, deve ser respeitado o ritmo, o tempo e as experiências dos estudantes.

Foram questionadas em relação aos muitos fatores indispensáveis na atividade de concentração e atenção dos alunos na sala de aula, sobre o que reduz as interferências, desobediências e conversas inadequadas; responderam que todas as alternativas estavam corretas. Disseram que a motivação dos alunos para a aprendizagem se consegue através de conteúdos compreensíveis para eles, conjunto de

normas e exigências que vão assegurar o ambiente de trabalho favorável ao ensino e controlar as ações e o comportamentos dos alunos e desenvolver neles a capacidade e habilidade de pensarem por si próprios.

Ao entrevistarem as gestoras sobre a questão que trata dos desafios da indisciplina concordaram que nos últimos tempos a indisciplina escolar vem inquietando educadores de todo o país, tornando-se um enorme desafio permeado de muitas complexidades como a falta de limites e o desrespeito aos direitos dos outros, incompreensão das regras de convivência e atitudes que não combinam com atividade em grupo, levando-as a investigar mais profundamente esses desafios.

Vasconcellos (1993, p.54) afirma que, “antes de tudo, cada aluno deve estar convencido de que a disciplina é a melhor forma para lograr o fim que persegue a coletividade”.

Ao perguntar as entrevistadas acerca de quando a formação de boa conduta na escola ocorre, responderam: “todos que fazem parte do processo de ensino – aprendizagem se envolvem em busca de soluções para o problema existente. Acrescentaram, ainda, que tanto os docentes quanto os discentes conhecem seus direitos e deveres. Conhecem princípios de solidariedade e responsabilidade aos direitos dos outros”.

Para Estrela (1994) a (in) disciplina pode ser pensada como negação da disciplina, ou como desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo é, sobretudo, o professor que produz e comunica normas sociais que julga necessárias para exercer sua ação pedagógica, e assim prescreve determinadas posturas e regras a serem aceitas, muitas vezes sem a devida discussão com os alunos, e sem que aquelas atendam às suas expectativas e necessidades.

Outro questionamento feito às entrevistadas foi se a família é o núcleo fundamental na formação dos seres para o convívio social, responderam que: “o diálogo é fundamental para um bom convívio familiar. E algumas coordenadoras concordam que cabe à família introduzir as primeiras lições de cidadania e de respeito ao próximo e dar exemplo de conduta inadequada para o convívio em sociedade”.

Segundo Vasconcellos (1993), percebe-se que cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família. Muitos pais chegam mesmo a passar toda responsabilidade para a escola. “Pode bater, pode fazer o que quiser, eu já não posso mais com ele”. Mediante as suas remotas experiências como estudantes e a desorganização da classe que os filhos relatam, os pais acabam exigindo da escola uma

postura autoritária. É preciso ajudá-lo a compreender que existe uma outra alternativa que supera tanto o autoritarismo quanto o espontaneísmo. Deve-se esclarecer aos pais a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre a disciplina domiciliar e escolar.

Para as gestoras a questão sobre a indisciplina não é só um problema da escola, pois envolve: o âmbito familiar no seu contexto de vida, o convívio em grupo de amigos, aspectos sócio-interacionais entre escola e família.

Ao serem perguntadas sobre “como a escola está interagindo com a família”, responderam: participando de um projeto comum na formação educacional da criança e do adolescente, fazendo-se necessário o esclarecimento mútuo de direitos e deveres à família pela equipe pedagógica.

Para Aquino (1996), a parceria e a cumplicidade com os pais dos alunos, seus familiares, melhora consideravelmente a imagem da escola e o seu vínculo com o entorno. Esse envolvimento representa que a educação está se realizando com sucesso, apoiada no binômio escola-família uma vez que não se aprende só na escola.

### **1.3 O Contexto familiar e a indisciplina: seus reflexos na escola**

Segundo Vasconcellos (2009) no processo de construção da disciplina/indisciplina escolar, a família tem importante papel, seja no contexto alternativo de superação dos problemas, seja para entender o que está acontecendo com os filhos.

O autor afirma que estabelecer limites na formação da pessoa é fundamental na construção dos valores e das atitudes.

Vasconcellos (1993, p. 91), afirma que

deve-se acompanhar sempre a vida escolar e não apenas quando o filho tem “nota vermelha”. Ainda existem pais que diante dos resultados não satisfatórios na escola ameaçam ou chegam mesmo a espancar fortemente os filhos. Com isto, não resolvem o problema e ainda criam uma enorme barreira com as crianças. Se a criança está indo mal, é preciso ver qual a causa, para isto a receita mágica: diálogo. Não comparar nota de um filho com outro ou com filhos de outros, cada criança deve ser comparada a si mesma. Supervisionar o estudo dos filhos (horário, local, material etc) não fazer por eles.

Para Aquino (1996), é impossível negar, portanto a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito. Para resguardar a efetividade

de sua função educativa, a estrutura familiar precisa adaptar-se às circunstâncias novas e transformar determinadas normas, sem deixar, no entanto de construir um modelo de referência para os seus membros.

De acordo com Vasconcellos (1993) é possível que a família possa colaborar para a contenção da indisciplina na escola, mas para que isto aconteça, e preciso que seja resgatada a prática do diálogo no ambiente familiar, a prática de participação efetiva dos pais na vida escolar dos filhos, indo às reuniões escolares procurando saber da vida dos filhos, suas angústias, seus temores, suas conquistas, bem como suas expectativas e possibilidades de realização com relação ao futuro. É fundamental que os pais sejam capazes de impor limites, ajudando seus filhos a terem postura crítica diante dos meios de comunicação que despertam o consumismo, a sexualidade e etc.

Sobre a atuação docente é de vital importância quando: O professor leva o aluno a refletir sobre sua própria conduta.

Para Vasconcellos (1993, p. 61):

Professor é um dos principais agentes de mudança da disciplina (ou um agente privilegiado); 1- Por estar em contato direto com os alunos, no *locus* privilegiado onde se manifesta o problema; 2- Por ser um profissional da educação; 3- Por ser -potencialmente -um dos interessados em resolver este problema (em função do elevado desgaste que sofre).

O professor é o coordenador do processo de ensino-aprendizagem. Deve assumir seu papel de agente histórico de transformação da realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi visto quantos fatores indisciplinadores estão relacionados a escola, aos professores, alunos e à família. Isto não quer dizer que eles sejam os maiores responsáveis pela indisciplina, mas, sim, que sofrem reflexo de todos os outros fatores.

A partir da análise desse trabalho é importante ressaltar que as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno.

No processo de construção da disciplina escolar a família tem importante papel, seja no sentido de buscar conjuntamente alternativas de superação de problemas, seja porque no lar se encontra, em alguns casos, a origem das primeiras distorções em termos de comportamento e a postura da família colabora para a reprodução ou para a transformação de atitudes.

Na escola, o projeto educativo é fundamental para oferecer uma definição bem clara da proposta educacional, devendo oferecer condições físicas favoráveis e adequadas às necessidades dos alunos e professores, promovendo formação continuada para se discutir a relação pedagógica da disciplina e indisciplina na sala de aula e na unidade, integrar professores, equipe técnica e pedagógica, alunos, família e sociedade.

É importante e determinante que as normas sejam claras e que se mantenha uma postura de diálogo diante das diferentes situações disciplinares e indisciplinadas.

Em relação à Equipe pedagógica, percebe-se a preocupação de resolver o problema da indisciplina procurando apontar a família e o professor como responsáveis. A família deveria estar mais presente e apoiar as regras estabelecidas na instituição e o professor buscar ministrar aulas mais motivadoras.

Os fatores relacionados à situação do professor em relação à disciplina e indisciplina são possíveis observar nas falas das professoras: muitas vezes a falta de clareza e de firmeza da proposta pedagógica, os conteúdos desvinculados da vida e realidade dos alunos, metodologia não participativa em sala de aula, uso de coerção para a disciplina, peso da rotina, a falta de apoio da família e da equipe pedagógica da escola.

A escola deve investir na formação dos pais, buscar uma aproximação com a família, construindo uma relação de parceria.

Ao aluno existiu ainda uma dificuldade de analisar a posição dessas crianças considerando que a idade variou entre seis e nove anos. Percebe-se uma posição individualista, incapacidade de perceber o todo em relação à indisciplina. “Eu sou disciplinado”, “Eu sou indisciplinado”.

A compreensão da questão da disciplina e indisciplina na sua totalidade ainda requer mais discussões e análise sobre o tema, sendo um desafio para a escola, família e sociedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANTUNES, C. Professor Bonzinho= Aluno Difícil: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 a.
- ARROYO, Miguel G. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.
- AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.
- AQUINO, J. G. (Org.) - Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 2.ed. São Paulo : Summus, 1996 .

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 1996.

ESTRELA, M. T. Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. 3ª.ed, Portugal, Porto, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GARCIA, J. Indisciplina na escola. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n. 95, p. 101-8, jan./abr. 1999.

GARCIA, J. A gestão da indisciplina na escola. In: Colóquio da secção portuguesa da AFIRSE/AIPELF. Lisboa, Atas. 2002. p. 375-81.

KONDER, Leandro. O que é dialética .2a.ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LUDKE, Menga; ANDRE Marli. Pesquisa em educação: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – Como enfrentar a indisciplina na escola. São Paulo: Contexto, 2008.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VASCONCELLOS, Celso S. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1993.

VASCONCELLOS, Celso S. Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente.. São Paulo: Cortez, 2009.

VASCONCELOS, Maria L. M. C. A pesquisa como princípio pedagógico: discutindo a(in)disciplina na escola contemporânea. In: (In)disciplina, escola e contemporaneidade. Niterói: Intertexto. São Paulo: Mackenzie, 2001. p.9-26.